

Universidades Lusíada

Oliveira, Ana

**Desafios de integração comunitária para pessoas
em situação de sem-abrigo : uma abordagem
centrada nas forças**

<http://hdl.handle.net/11067/8324>

<https://doi.org/10.34628/5D8C-RG07>

Metadados

Data de Publicação	2025
Editor	Universidade Lusíada Editora
Palavras Chave	Serviço social com os sem-abrigo
Tipo	article
Revisão de Pares	yes
Coleções	[ULL-ISSSL] IS, n. 65 (2025)

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-29T21:59:57Z com
informação proveniente do Repositório

**DESAFIOS DE INTEGRAÇÃO
COMUNITÁRIA PARA PESSOAS
EM SITUAÇÃO DE SEM-ABRIGO:
UMA ABORDAGEM CENTRADA NAS FORÇAS**

**COMMUNITY INTEGRATION CHALLENGES
FOR HOMELESS PEOPLE:
A STRENGTH-BASED APPROACH**

Ana Oliveira

Universidade Católica Portuguesa,

CRC-W: Católica Research Centre for Psychological, Family and Social Wellbeing

ORCID: 0000-0002-3200-8555

DOI: <https://doi.org/10.34628/5D8C-RG07>

Data de submissão / Submission date: 29.05.2025

Data de aprovação / Acceptance date: 05.09.2025

Resumo: Este artigo analisa os desafios da integração comunitária de pessoas em situação de sem-abrigo, propondo uma mudança paradigmática nas metodologias de acompanhamento social. Num contexto de crescente polarização social e crise económica, torna-se imperativo repensar as estratégias do Serviço Social, orientando-as para a promoção da inclusão, da justiça social e dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS 1 e 11).

A investigação assenta numa abordagem qualitativa, com base em estudos de caso desenvolvidos no âmbito das formações de gestor de caso ENIPSSA (2022 e 2023) dinamizadas pela autora. Foram aplicados instrumentos como o Biograma, a Grelha de Avaliação das Forças (CPR) e a Narrativa de Vida, junto de pessoas em situação de sem-abrigo. As experiências dos profissionais e os testemunhos dos utentes foram recolhidos através de entrevistas, sínteses reflexivas e exercícios práticos conduzidos durante o processo de acompanhamento. A análise de conteúdo, realizada com recurso ao software MAXQDA 21, permitiu identificar categorias significativas relacionadas com a mudança de paradigma na intervenção social.

Os resultados demonstram que a abordagem tradicional — frequentemente marcada por práticas estigmatizantes e paternalistas — revela-se insuficiente para responder à complexidade das necessidades destas pessoas. Em contrapartida, a abordagem centrada nas forças evidencia resultados positivos, nomeadamente ao nível da promoção da autonomia, da autoestima e da motivação, do desenvolvimento de competências e recursos pessoais, do reforço das redes de apoio e da eficácia das intervenções sociais.

Discute-se, assim, a relevância de integrar metodologias baseadas nas forças com políticas públicas inclusivas e sustentáveis, afirmando uma resposta ética e transformadora do Serviço Social face à exclusão. Esta proposta reforça o compromisso com a responsabilidade coletiva, a justiça social e a construção de uma sociedade mais equitativa, coesa e alinhada com os princípios dos direitos humanos

e do desenvolvimento sustentável.

Palavras-chave: Pessoas em situação de sem-abrigo; Integração comunitária; Abordagem centrada nas forças; Serviço Social.

Abstract: This article analyzes the challenges of community integration for people experiencing homelessness, proposing a paradigmatic shift in social support methodologies. In a context of increasing social polarization and economic crisis, it becomes imperative to re-think Social Work strategies, directing them towards the promotion of inclusion, social justice, and the Sustainable Development Goals (SDGs 1 and 11).

The research is based on a qualitative approach, drawing from case studies developed within the ENIPSSA training sessions (2022 and 2023) led by the author. Instruments such as the Biogram, the Strengths Assessment Grid (CPR), and the Life Narrative were applied with individuals experiencing homelessness. The experiences of professionals and testimonies of service users were collected through interviews, reflective summaries, and practical exercises carried out during the support process. Content analysis, conducted using MAXQDA 21 software, allowed for the identification of significant categories related to the paradigm shift in social intervention.

The results show that traditional approaches – often marked by stigmatizing and paternalistic practices – are insufficient to meet the complex needs of this population. In contrast, the strengths-based approach has shown positive outcomes, particularly in promoting autonomy, self-esteem, motivation, the development of personal skills and resources, the strengthening of support networks, and the overall effectiveness of social interventions.

The study highlights the importance of integrating strengths-based methodologies with inclusive and sustainable public policies, affirming an ethical and transformative response from Social Work to social exclusion. This proposal reinforces a commitment to collective responsibility, social justice, and the construction of a more equitable and cohesive society aligned with the principles of human rights and sustainable development.

Keywords: Homelessness; Community integration; Strengths-based approach; Social work.

1. Introdução

O presente artigo analisa os desafios da integração comunitária de pessoas em situação de sem-abrigo, propondo uma mudança paradigmática nas metodologias de acompanhamento social. Num contexto marcado por profundas desigualdades, crescente polarização social e instabilidade económica, torna-se urgente repensar os modelos tradicionais de intervenção. O Serviço Social, neste cenário, assume um papel estratégico na construção de respostas inovadoras, sustentadas numa lógica de justiça social e inclusão, em consonância com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), em particular o ODS 1 – erradicação da pobreza – e o ODS 11 – cidades e comunidades sustentáveis (ONU, 2015).

A condição de sem-abrigo não deve ser entendida como um fenómeno estático ou unidimensional. Trata-se de um processo progressivo, marcado por rupturas significativas ao longo do percurso de vida, que pode incluir o desemprego, o afastamento das redes familiares e sociais, problemas de saúde física ou mental, e o consumo problemático de substâncias. Como referem Nogueira e Ferreira (2007), esta situação pode afetar indivíduos em diferentes momentos da sua trajetória, refletindo uma acumulação de vulnerabilidades e fragilidades que tendem a agravar-se com o tempo.

Neste contexto, destaca-se a *Estratégia Nacional de Integração das Pessoas em Situação de Sem-Abrigo 2025-2030* (ENIPSSA), que reforça a importância de uma abordagem integrada, preventiva e personalizada. Esta estratégia estabelece um novo quadro de ação que procura intervir antes que a situação de sem-abrigo se consolide, privilegiando medidas estruturais que envolvam múltiplos setores – da habitação à saúde, do emprego à inclusão social – promovendo uma resposta territorialmente articulada e centrada nas necessidades reais das pessoas (Governo de Portugal, 2025).

Segundo Wong e Solomon (2002), a integração comunitária deve ser compreendida como um processo multidimensional que envolve dimensões físicas, sociais, psicológicas e ocupacionais. Este processo requer abordagens holísticas que considerem não apenas as necessidades básicas, mas também as aspirações e projetos de vida das pessoas. A integração comunitária, neste contexto, é compreendida como um processo dinâmico, prolongado e profundamente individualizado, que ultrapassa a mera disponibilização de uma habitação. Pressupõe a reconstrução de vínculos sociais, a retoma de papéis sociais e o reforço do sentimento de pertença. Como demonstram diversos estudos (Chamberlain & Johnson, 2018; Marshall et al., 2020; Quilgars & Pleace, 2016), este processo implica um acompanhamento contínuo, ajustado ao ritmo de cada pessoa, sendo muitas vezes dificultado por experiências anteriores de exclusão, desconfiança institucional e fragilidade relacional.

Neste sentido, ganha destaque a adoção de abordagens centradas nas forças, que valorizam as capacidades, saberes, talentos e recursos — pessoais e comunitários — que cada pessoa possui, mesmo nas situações mais adversas. Esta perspectiva propõe uma rutura com modelos centrados no défice ou na patologia, defendendo uma intervenção orientada para a capacitação, a participação ativa e a construção de novos sentidos de vida. A literatura tem evidenciado que este modelo contribui para reforçar a autonomia, promover a autoconfiança e ampliar os recursos disponíveis para a mudança (Saleebey, 2007).

A abordagem centrada nas forças fundamenta-se no princípio de que todos os indivíduos, independentemente das suas circunstâncias, possuem capacidades, talentos, desejos, aspirações e recursos que podem ser mobilizados para promover mudanças positivas (Saleebey, 2009). Esta perspectiva contrasta com modelos tradicionais que enfatizam patologias, défices e limitações.

A este propósito, Soulet (2007) sublinha que o processo de integração deve ser delineado a partir das características específicas de cada indivíduo, tendo em conta as suas capacidades, limites e contexto. A intervenção, longe de se apresentar como uma solução padronizada, deve ser adaptada à singularidade de cada situação,

reconhecendo que nem todas as pessoas têm, por si só, condições para iniciar ou sustentar processos de mudança. A função dos profissionais e das políticas sociais, nesse sentido, deve ser a de criar as condições para que essas mudanças se tornem possíveis, respeitando o ritmo, a vontade e o percurso de cada um. A literatura internacional evidencia que metodologias participativas e narrativas são fundamentais para promover processos de mudança sustentáveis (Freeman, 2011). Os *turning points* ou momentos de viragem emergem como elementos cruciais na compreensão das trajetórias pessoais e na identificação de oportunidades para intervenção (Burr et al., 2025).

Deste modo, o presente artigo pretende contribuir para a reflexão sobre os desafios e potencialidades da integração comunitária das pessoas em situação de sem-abrigo, defendendo a centralidade de abordagens éticas, participativas e centradas nas forças, que coloquem a pessoa no centro da intervenção e promovam trajetórias de inclusão social efetiva.

2. Metodologia

O presente estudo teve como objetivo geral compreender de que forma a abordagem centrada nas forças pode contribuir para a integração comunitária de pessoas em situação de sem-abrigo, a partir da análise das percepções de profissionais que desenvolvem acompanhamento social neste domínio. Especificamente, procurou-se identificar evidências de uma mudança paradigmática nas práticas profissionais em direção a metodologias potenciadoras e centradas na pessoa; compreender os efeitos percebidos dessa abordagem no reforço da autonomia, autoestima e competências dos utentes; e explorar os contributos dessa abordagem para a reconstrução de vínculos e o fortalecimento das redes de apoio.

O estudo assenta numa abordagem qualitativa, que permite explorar as experiências, percepções e significados atribuídos pelos profissionais à sua prática. A escolha desta metodologia é suportada pela literatura que aponta para a importância de captar a complexidade e a subjetividade presentes nas intervenções sociais,

sobretudo em contextos de vulnerabilidade e exclusão (Denzin & Lincoln, 2018; Creswell & Poth, 2018). A análise qualitativa é particularmente adequada para identificar categorias emergentes a partir dos discursos, alinhando-se com os princípios da Grounded Theory, que enfatiza a construção do conhecimento a partir dos dados empíricos, sem pressupostos rígidos (Charmaz, 2014).

A amostra do estudo foi composta por 31 profissionais, gestores de caso, de diferentes instituições – incluindo instituições particulares de solidariedade social (IPSS), autarquias, unidades de saúde e serviços de habitação – que atuam diretamente com pessoas em situação de sem-abrigo. Os dados foram recolhidos no âmbito das formações de gestores de caso ENIPSSA realizadas em 2022 e 2023, nas quais a autora conduziu atividades formativas e reflexivas que envolveram instrumentos metodológicos centrados na valorização das competências e trajetórias pessoais dos utentes. Estes instrumentos foram o Biograma, a Grelha de Avaliação das Forças (CPR) e a Narrativa de Vida, ferramentas que possibilitam uma abordagem holística e integrada das situações, permitindo mapear as histórias pessoais, identificar recursos e fortalecer a participação ativa dos utentes no seu processo de reintegração (Saleebey, 2007; Soulet, 2007).

O Biograma oferece uma representação gráfica dos eventos significativos da vida do utente, facilitando a visualização das rupturas e continuidades no percurso pessoal, o que é fundamental para compreender os desafios que atravessam o processo de exclusão e reinserção social (Nogueira & Ferreira, 2007). A Grelha de Avaliação das Forças (CPR) enfatiza as capacidades e recursos do indivíduo, num enfoque positivo que contraria abordagens tradicionalmente deficitárias e patologizantes (Rapp & Goscha, 2012). Já a Narrativa de Vida permite reconstruir, em colaboração com o utente, uma história integrada que valoriza as suas potencialidades e traça possíveis caminhos futuros, resgatando a agência e o protagonismo pessoal (McAdams, 2008).

A análise dos dados recolhidos foi realizada com o suporte do software MAXQDA 21, que proporcionou uma codificação sistemática dos textos produzidos pelos profissionais nas formações.

Optou-se por um procedimento indutivo de análise de conteúdo, em que as categorias emergiram diretamente do material empírico, sem impor quadros teóricos pré-definidos, conforme preconizado pela Grounded Theory (Glaser & Strauss, 1967; Charmaz, 2014). Este método permitiu captar a diversidade e complexidade das percepções profissionais, bem como identificar os elementos centrais na mudança de paradigma que se evidencia nas práticas de acompanhamento social.

Em termos éticos, o estudo seguiu rigorosamente as normas que regem a investigação em ciências sociais, garantindo o consentimento informado dos profissionais envolvidos, bem como o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos. Todos os participantes foram esclarecidos acerca dos objetivos e finalidades do estudo, que respeitou a dignidade e os direitos dos indivíduos, em conformidade com as boas práticas éticas recomendadas para este tipo de investigação (Orb, Eisenhauer, & Wynaden, 2001).

Este estudo apresenta limitações que devem ser consideradas na interpretação dos resultados. A amostra, constituída por profissionais participantes em formações específicas, pode não representar adequadamente a diversidade de práticas profissionais no terreno. Adicionalmente, a ausência de seguimento longitudinal pode impedir a avaliação dos efeitos a longo prazo das metodologias implementadas.

3. Resultados

A análise qualitativa dos discursos dos 31 profissionais, recolhidos no contexto das formações de gestor de caso ENIPSSA (2022 e 2023), permitiu identificar três grandes eixos que refletem os desafios e aprendizagens associadas à integração comunitária de pessoas em situação de sem-abrigo. Estes eixos, emergentes da prática, apontam para a necessidade de mudança paradigmática nas metodologias de intervenção, destacando a relevância da abordagem centrada nas forças e da escuta narrativa como ferramentas promotoras de inclusão e dignidade.

3.1. Limites do modelo tradicional e resistências institucionais

Os discursos analisados evidenciam uma crítica recorrente à prevalência de um modelo tradicional de intervenção, fortemente marcado por uma lógica assistencialista e centrada no déficit. Os profissionais reconhecem que este modelo continua enraizado nas práticas institucionais, sustentado por pressões externas (comunitárias e políticas), constrangimentos burocráticos e ausência de investimento na formação contínua.

“Apesar da tentativa em utilizar um modelo colaborativo, os técnicos centram-se muito no problema, criam-se etiquetas e não conseguem ver além disso. (Caso 2 ENIPSSA 2023)”

A visão das pessoas em situação de sem-abrigo como “portadoras de problemas” reforça dinâmicas de estigmatização e limita a possibilidade de co-construção de projetos de vida. Muitos técnicos reconhecem que a sua prática é condicionada pela falta de tempo, de supervisão, de instrumentos adequados e pela fragmentação das equipas:

“Falta tempo: tempo para reunir, tempo para refletir, tempo até para criar/adaptar instrumentos de trabalho que permitam dar o salto para uma abordagem centrada nas forças. (Caso1_ENIPSSA 2022).”

Esta escassez de condições impede a consolidação de metodologias mais humanizadas, transformando a intervenção social num processo centrado na resposta rápida, frequentemente desprovida de escuta ativa e aprofundada.

“A ausência de cultura de trabalho em rede, instituições fechadas sobre si próprias, reféns dos seus manuais de procedimentos, a inexistência de formação atualizada e permanente. (Caso 2 ENIPSSA 2023).”

A resistência institucional aparece, assim, como um obstáculo estrutural à inovação metodológica, tornando urgente uma reorganização dos serviços que permita condições efetivas para a mudança.

3.2. Centralidade da narrativa e das forças individuais no processo de integração

A introdução de instrumentos como o Biograma, a Grelha de Avaliação das Forças (CPR) e a Narrativa de Vida foi apontada como uma viragem significativa na prática dos profissionais. Estes dispositivos metodológicos permitiram uma mudança na forma de ver a pessoa em situação de sem-abrigo — de um “caso” marcado pela carência para um sujeito com história, recursos e potencial.

“É através da análise da narrativa do utente que se percebem elementos chave para serem explorados, potenciando aspetos que o mesmo não consegue perceber que são ou foram importantes em determinado momento da sua vida. (Caso 2 ENIPSSA 2023).”

A escuta da narrativa pessoal possibilita a identificação de momentos de viragem — os chamados *turning points* — que se revelam centrais na compreensão das trajetórias de exclusão e nas possibilidades de mudança. Estes momentos subjetivamente significativos, muitas vezes ignorados nos modelos tradicionais, emergem como pontos de ancoragem para a reestruturação da identidade e para o delineamento de projetos de vida.

“Neste momento em que ele se encontra dando importantes passos no sentido da reestruturação da sua vida, foi positivo evocar o quanto já foi uma pessoa bem-sucedida em diferentes aspetos, o que o ajudou a enxergar as suas competências para além dos infortúnios. (Caso 2 ENIPSSA 2023).”

A prática da narrativa, ao tornar visíveis os recursos internos e as forças já mobilizadas no passado, reforça o sentimento de autonomia e autoestima. Como refere um dos profissionais:

“O CPR, estando atualizado, dá-nos uma visão panorâmica rápida de por onde começar para aumentar a eficácia da intervenção. (Caso 2 ENIPSSA 2023).”

Estes instrumentos revelam-se, assim, dispositivos que articulam técnica, escuta e ética — promovendo relações mais horizontais e processos de ajuda mais significativos.

A abordagem narrativa revelou-se essencial para a compreensão dos percursos de vida, permitindo identificar momentos críticos, motivações e aspirações, bem como emoções associadas a experiências passadas. Esta perspetiva holística facilita o reforço do vínculo profissional-utente e potencia a co-construção de planos de intervenção.

3.3. Potencial transformador das metodologias participativas e centradas na pessoa

Os testemunhos recolhidos destacam também o potencial transformador que as metodologias participativas e centradas na pessoa representam, tanto para os utentes como para os profissionais. Ao recentrar a intervenção nas capacidades, aspirações e desejos das pessoas, estas abordagens promovem relações mais colaborativas e potenciadoras de mudança.

“As abordagens centradas nas forças continuam a ser as que me fazem mais sentido na intervenção com pessoas em situação de vulnerabilidade social, por facilitarem a criação de uma relação de confiança e por potenciarem a promoção da mudança desejada. (Caso 2 ENIPSSA 2023).”

A transformação referida não é apenas metodológica, mas sobretudo relacional e simbólica. A construção conjunta do Biograma e do CPR permite uma devolução significativa de sentido à pessoa, reconhecendo-a como protagonista da sua história.

“O biograma é uma ferramenta poderosíssima porque obriga-nos a entender o que aconteceu até a pessoa chegar a nós e deixa informação valiosa para quem mais acompanhar o caso. (Caso 2 ENIPSSA 2023).”

No entanto, os profissionais alertam para os desafios que estas abordagens implicam. A sua implementação exige competências específicas, capacidade de escuta, contenção emocional e uma disponibilidade institucional que nem sempre existe.

“A entrevista centrada nas forças exige treino, para que efetivamente ajude a pessoa a pensar sobre si e sobre as suas forças, muitas vezes com pessoas com menor insight ou que estão muito marcadas pela vida. (Caso 2 ENIPSSA 2023).”

Ainda assim, os benefícios observados — maior implicação dos utentes, reforço da esperança, redefinição de objetivos de vida — são consistentes com a literatura que aponta para o impacto positivo das abordagens baseadas na participação, na escolha e no empowerment (Saleebey, 2007; Burr et al., 2025; Gaboardi et al., 2021).

4. Conclusões

O presente estudo, ao analisar criticamente as práticas de intervenção com pessoas em situação de sem-abrigo, confirma a necessidade urgente de uma mudança paradigmática no Serviço Social e nos modelos de acompanhamento atualmente utilizados. Através da análise dos discursos de profissionais que participaram em formações centradas na abordagem baseada nas forças, tornam evidente a existência de uma tensão entre o modelo assistencialista tradicional — ainda dominante — e práticas emergentes mais centradas na pessoa, na escuta ativa e na valorização das histórias de vida.

A abordagem centrada nas forças, como propõe Saleebey (2007), assume uma perspetiva transformadora ao recentrar a intervenção nos recursos, competências e aspirações dos indivíduos, em oposição à tradicional lógica do défice. Esta mudança de foco não implica ignorar os fatores estruturais de exclusão, como a pobreza, a habitação precária ou a ausência de redes de apoio, mas propõe uma resposta mais humanizada, colaborativa e participativa — em que a pessoa deixa de ser um objeto de intervenção para se tornar sujeito ativo do seu próprio percurso de integração.

A centralidade da narrativa, tal como evidenciado por Freeman (2011) é reforçado pela perspectiva dos *turning points* (Burr et al., 2025), mostrando-se fundamental para compreender os itinerários singulares da exclusão e da mudança. A escuta das histórias de vida, articulada com instrumentos como o Biograma e o CPR, permitiu aos profissionais identificar momentos-chave de viragem, resgatar sentidos perdidos e reforçar a autoestima e a participação dos utentes. Esta dimensão narrativa, longe de ser meramente descritiva, constitui um espaço de reconstrução identitária e de ressignificação das experiências.

No entanto, os desafios da integração comunitária mantêm-se múltiplos e complexos. Por um lado, há obstáculos de ordem estrutural e institucional: sistemas de apoio fragmentados, políticas públicas inconsistentes, ausência de continuidade nos percursos de inserção, e serviços marcados por culturas organizacionais que perpetuam a desigualdade de poder entre técnicos e utentes. Por outro lado, os fatores pessoais e relacionais — como o estigma internalizado, a desconfiança acumulada, os traumas complexos e a solidão — dificultam a participação plena e o enraizamento comunitário das pessoas em situação de sem-abrigo (Gaboardi et al., 2021; Shinn, 2010).

Neste contexto, metodologias centradas nas forças e nas narrativas constituem mais do que ferramentas técnicas: são instrumentos de emancipação simbólica e reconexão social. Elas permitem reconstituir a biografia de forma a incluir sucessos, capacidades, afetos e sonhos — elementos fundamentais para a construção de sentido e de pertença. Ao envolverem a pessoa no centro do processo, estas metodologias não só aumentam o seu compromisso com o percurso de mudança, como reforçam o vínculo com os profissionais e as comunidades onde se inserem. São, portanto, catalisadoras de confiança, reconhecimento e desejo de (re)inserção.

Acresce a estas perspetivas, a importância de territorializar as intervenções e de promover uma articulação estratégica entre os diversos atores sociais — incluindo organizações da sociedade civil, setor público e privado — como destacado por Gaboardi et al. (2021) e Wong e Solomon (2002). Esta abordagem multidimensional e integrada revela-se essencial para enfrentar os desafios contemporâneos

da pobreza, da exclusão social e da estigmatização, e implica o reforço de equipas multidisciplinares, o trabalho em rede e o envolvimento ativo da comunidade na construção de soluções duradouras e sustentáveis.

Assim e em primeiro lugar, reafirma-se a importância de uma intervenção ancorada na ecologia das relações humanas (Wong & Solomon, 2002), onde o profissional é um facilitador e não um prescritor. Em segundo lugar, sublinha-se a necessidade de incorporar metodologias narrativas e participativas na prática quotidiana, como forma de promover o envolvimento ativo das pessoas nos seus processos de mudança.

Em síntese, a mudança de paradigma proposta — da intervenção paliativa centrada no risco para uma intervenção promotora baseada nas forças — é essencial para responder aos desafios contemporâneos da pobreza e exclusão social. Esta abordagem permite a afirmação da pessoa em situação de sem-abrigo como sujeito de direitos e agente de mudança, promovendo a justiça social, a equidade e a coesão comunitária. Com efeito, os desafios de integração comunitária para pessoas em situação de sem-abrigo não se resolvem apenas com respostas técnicas ou assistenciais. Exigem, sobretudo, um compromisso ético e político com a dignidade humana, com a escuta das vozes silenciadas e com a construção de práticas que reconheçam nas pessoas não apenas as suas fragilidades, mas, acima de tudo, as suas forças.

Referências bibliográficas

- Burr, V., Bridger, A. J., Eastburn, S., Brown, P., Somerville, P., & Morris, G. (2025). The use of turning points in understanding homelessness transitions: A critical social psychological perspective. *Housing, Theory and Society*, 42(1), 23–40.
- Chamberlain, C., & Johnson, G. (2018). From long-term homelessness to stable housing: investigating 'liminality.' *Housing Studies*, 33(8), 1246–1263. <https://doi.org/10.1080/02673037.2018.1424806>
- Charmaz, K. (2014). *Constructing grounded theory* (2nd ed.). SAGE Publications Ltd.

- Creswell, J. W., & Poth, C. N. (2018). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches* (4th ed.). SAGE Publications.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (Eds.). (2018). *The SAGE handbook of qualitative research* (5th ed.). SAGE Publications.
- Freeman, E. M. (2011). *Narrative approaches in social work practice: A life span, culturally centered, strengths perspective*. Charles C. Thomas Publisher.
- Gaboardi, M., Santinello, M., & Shinn, M. (2021). Beyond behaviour: Rethinking integration for people experiencing homelessness. *Health & Social Care in the Community*, 29(3), 846–855.
- Glaser, B. G., & Strauss, A. L. (1967). *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. Aldine Publishing Company.
- Marshall, C. A., Boland, L., Westover, L. A., Marcellus, B., Weil, S., & Wickett, S. (2020). Effectiveness of interventions targeting community integration among individuals with lived experiences of homelessness: A systematic review. In *Health and Social Care in the Community* (Vol. 28, Issue 6, pp. 1843–1862). Blackwell Publishing Ltd. <https://doi.org/10.1111/hsc.13030>
- McAdams, D. P. (2008). Personal narratives and the life story. In O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (3rd ed., pp. 241–261). Guilford Press.
- Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social. (2023). *Estratégia Nacional de Integração das Pessoas em Situação de Sem-Abrigo 2025–2030*. Governo de Portugal.
- Nogueira, M. I., & Ferreira, P. (2007). *Sem-abrigo: Os (in)visíveis da cidade*. Afrontamento.
- Orb, A., Eisenhauer, L., & Wynaden, D. (2001). Ethics in qualitative research. *Journal of Nursing Scholarship*, 33(1), 93–96.
- Quilgars, D., & Pleace, N. (2016). Housing First and social integration: A realistic aim? *Social Inclusion*, 4(4), 5–15. <https://doi.org/10.17645/si.v4i4.672>
- Ranci, C. & Sabatinelli, S. (2014) *Social Vulnerability in European Cities*. <https://doi.org/10.1057/9781137346926>.
- Ranci, C., Sabatinelli, S. (Ed). (2014). *Social Vulnerability in Euro-*

- pean Cities. The Role of Local Welfare in Times of Crisis. Basingstoke: Plagrave Macmillan.
- Rankin, P. (2006). Exploring and describing the strength/empowerment perspective in social work. *IUC Journal of Social Work Theory and Practice*, 14.
- Rapp, C. A., & Goscha, R. J. (2012). The strengths model: A recovery-oriented approach to mental health services (3rd ed.). Oxford University Press.
- Saleebey, D. (2007). The strengths perspective in social work practice (5th ed.). Allyn & Bacon.
- Soulet, M.-H. (2007). O Trabalho Social Paliativo: Entre redução de riscos e integração relativa. *Cidades - Comunidades e Territórios*, 15, 11-27.
- United Nations. (2015). Transforming our world: The 2030 agenda for sustainable development.
- Wong, Y.-L. I., & Solomon, P. L. (2002). Community integration of persons with psychiatric disabilities in supportive independent housing: A conceptual model and methodological considerations. *Mental Health Services Research*, 4(1), 13-28.